

# Décourt: 25 anos de ciência médica e humanismo

Folha de  
S. Paulo

25/1/76

J. REIS

Temos escrito ultimamente vários artigos sobre o desenvolvimento da ciência e tecnologia no Brasil e não há muito contribuímos com estudo sobre o futuro científico de nosso País na série "Caminhos do Futuro" que este jornal vem publicando. Em trabalho que se acha no prelo contamos a história do regime de tempo integral nos laboratórios de pesquisa, como instrumento de política de ciência. Essa alentada análise de uma questão, que para nós foi capital à implantação de nossos núcleos de pesquisa, põe naturalmente em relevo o papel da Faculdade de Medicina que forma, com o belo conjunto do Hospital das Clínicas, um dos mais impressionantes centros de pesquisa básica e clínica do Brasil, um dos pólos de nosso prestígio intelectual.

## ONDE NASCEU O T.I.

A Faculdade de Medicina não é o instituto mais antigo de nossa Universidade de São Paulo. Esta, ao constituir-se, englobou escolas mais antigas, como a de Direito, a Politécnica e a de Agricultura "Luiz de Queiroz", assim como institutos complementares de mais longa existência, como o Agrônomo, o Butantã, o IPT e outros.

Foi na Faculdade de Medicina, porém, que com mais determinação se aplicou, desde sua fundação, o regime de tempo integral aos laboratórios de pesquisa, estabelecendo-se desse modo que o trabalho básico de investigação exigia, para implantar-se e desenvolver-se, um ambiente todo especial. Embora não se possa talvez afirmar que esse regime haja sido pela primeira vez criado naquela escola, é fora de dúvida que ele encontrou ali o seu quartel general.

De sua aplicação, sob a orientação de alguns professores vindos do exterior, resultou em pouco tempo um contraste muito nítido entre o esforço de pesquisa fundamental naquela Faculdade e o que até então se desenvolvera em instituições congêneres.

Quando se criou a Universidade de São Paulo, na década de 1930, a Faculdade de Medicina nela ingressou como nítida instituição de pesquisa. Nessa categoria se firmara logo depois de fundada, correspondendo, pois, seus laboratórios de pesquisa aos mesmo objetivos que havia mais tempo animavam os então chamados institutos, ligados às secretarias de Estado, como Butantã, Agrônomo, IPT etc..

Excelentes pesquisadores logo se revelaram na Faculdade de Medicina, alguns dos quais criaram escolas que estão muito vivas. Sem pretender ser completo, nunca será demais recordar Floriano de Almeida, desbravando o campo da micologia onde hoje pontifica Carlos da Silva Lacaz, Oria na histologia, que hoje conta com toda a escola do prof. Luis U. Junqueira, a bioquímica que teve em Jaime A. Cavalcanti além de pesquisador e professor de grande mérito, hoje aposentado e ligado à Fundação de Amparo à Pesquisa, um grande incentivador de novos valores. Ninguém poderá esquecer a contribuição de Alfonso Bovero, com sua escola de anatomia. Diversos outros setores ficam sem menção, não por que deixem de merecê-la, mas porque foge ao nosso propósito fazer levantamente preciso, o qual jamais poderia realizar-se de memória. Convém entretanto salientar desde o início que, se muitos trabalhos originais produzidos pela incipiente escola, hoje instituição plenamente consagrada por muitos títulos, versavam a "ciência pura", que a alguns observadores sempre parece dispensável em "país pobre" (evidente falta de visão), não menor era a lista dos que visavam a problemas do mais imediato interesse, como combate a parasitas, a infecções, determinação do valor nutritivo de alimentos etc.

Salientamos este último ponto para realçar uma das afirmações que fizemos em nosso artigo sobre o futuro da ciência no Brasil. Nossos cientistas nunca deixaram de pensar no interesse de nosso país; nunca foram alheados, como às vezes querem pintá-los os que pretendem defender a necessidade de, para o nosso desenvolvimento científico, criar-se algum tipo de cientista "novo", adaptado a uma "ordem nova", em particular em cientista de linha de montagem, destinado a realizar experiências distantemente planejadas, sem o concurso dos pesquisadores.

É preciso não esquecer, nos louváveis propósitos de estabelecimento de políticas de ciência mais densas e coerentes, ou na canalização mais sistemática do esforço de pesquisa no Brasil, com apoio financeiro dos órgãos centrais, o que as instituições de pesquisas, os laboratórios como os do Agrônomo, Butantã, Faculdade de Medicina, IPT, Biológico e outros, realizaram desde seus inícios, jamais dissociando a chamada ciência pura da aplicada. Com a implantação da Universidade esse esforço ganhou novas proporções e novo momentum, pela abertura de novas especialidades e de novos caminhos. Sempre, porém, com uma fidelidade básica à ciência e ao Brasil. Em ambos os casos, geralmente, tendo em vista programas e planos para o futuro.

## ALTA PESQUISA CLINICA

Além da pesquisa básica floresceu na Faculdade de Medicina a pesquisa clínica da melhor qualidade. Apresentada com a modéstia dos relatórios que, por se valorizarem com a própria matéria que encerram, dispensam grandes artificios gráficos que às vezes servem para tornar impressionantes relatórios que na verdade são vazios, temos diante de nós a "Síntese das Atividades" do Departamento de Clínica, II Divisão, da Faculdade de Medicina da USP. Foi publicado para comemorar o vigésimo quinto aniversário da atuação do prof. Luiz V. Decourt como titular de clínica médica.

São 68 páginas de texto seguidas de 17 organigramas que discriminam os muitos serviços especializados que hoje abrange o departamento.

Para comemorar o quarto de século de sua atuação como professor titular de clínica médica organizou o prof. Decourt em agosto pp. uma semana de estudos, onde especialistas trataram de temas os mais diversos, dentro do âmbito do departamento, ao mesmo tempo que dois conferencistas, um dos quais o próprio prof. Decourt, discutiram sobre temas gerais, como medicina e humanismo e aspectos éticos e morais da pesquisa científica.

"Esta divulgação é prestação de contas e demonstração de reconhecimento", diz o prof. Decourt, mestre da mais alta categoria, quase diríamos mestre feito em grande parte por inspiração do pai, conhecidíssimo professor de muitas gerações, na singela apresentação de seu relatório. E mais adiante estas palavras, essenciais para compreender o seu grande êxito: "Tive o privilégio de construir um Grupo de Trabalho competente, entusiasta e dedicado, sempre fecundado pelo que chamei a "mística" da Clínica. E ele é o grande responsável pelo que foi realizado."

Em artigo outro insistimos no papel das lideranças. Podemos equipar e superequipar a ciência, criar os mais variados e especializados institutos, povoá-los com pessoal numeroso e cheio de títulos de graduação, pós-graduação e super-pós-graduação, submeter tudo isso a planejamento que no papel pareça perfeito, e, se não cuidarmos das lideranças tudo isso acabará numa repartição rotineira, à qual falte o ambiente, a "mística". Houve, sem a menor dúvida, liderança no caso do prof. Decourt. E das mais presentes, estimulantes, idealistas.

Colhemos ainda em sua apresentação a frase de Sêneca de que nenhum dia é longo para quem trabalha, e a confissão de que "posso afirmar, com sinceridade, que o tempo sempre foi curto em meu Departamento".



### ASSISTENCIA, ENSINO, CULTURA

Assistência, docência e cultura foram atividades permanentes no decorrer de todo esse tempo sempre curto. Se em 1950 havia 269 pacientes internados, de janeiro a abril de 1975 havia 473, e no ano anterior houvera 1178. Se em 1954, quando começou o atendimento em ambulatório, 7745 pacientes receberam atendimento, em 1974 esse número subira a 63.745.

Ao lado de sua atividade individual, ainda exerceu a Clínica integrada com outros departamentos, especialmente a 1.<sup>a</sup> Clínica Cirúrgica (Prof. E.J. Zerbini).

A atividade didática concentra-se no curso de graduação, pós-graduação (mestrado e doutorado), especialização em cardiologia e cursos de atualização e extensão universitária.

Existem ainda os muitos cursos e conferências realizados em outros Estados e Países. A simples menção, em tipo pequeno e corrido, desses cursos e conferências abrange mais de quatro páginas do volume.

De 689 é a lista nominal de estagiários brasileiros e estrangeiros, de quase todos os países da América do Sul, de vários da Europa e até do Japão.

A atividade de pesquisa, ou científica, como diz o relatório, discrimina cerca de 600 trabalhos publicados no Brasil e no exterior por membros do departamento ou que nele trabalharam, sem contar as teses de docência livre e doutoramento, a participação em livros e a colaboração com outros departamentos.

A essas listas soma-se a de conferências científicas proferidas por visitantes estrangeiros, 138 ao todo.

A atividade cultural, muito cara ao prof. Decourt — é preciso insistir nesse ponto, crucial à boa formação do médico — abrange a mais variada gama de assuntos que se possam imaginar, desde temas gerais de humanismo até assuntos de economia, arte, literatura, educação, biologia, estatística etc. Esforço de convivência universitária no seu mais alto sentido.

Percorrer as páginas de um relatório assim, demorando a atenção nos nomes daqueles que passaram, como estagiários, pelas mãos do grande professor e seus assistentes e depois se tornaram centros de outras equipes, mestres de outras especialidades, é como olhar com ternura cada vez maior uma árvore genealógica.

Não contamos o número de pessoas, médicos, auxiliares e outros, que hoje integram o departamento do prof. Decourt e se acham discriminados nos vários organogramas (Além do organograma geral, os que se referem a serviços, como métodos gráficos, hemodinâmica, auxiliares; a unidades, como cardiopatias congênitas e cardiologia pediátrica, cardiologia geral, terapia intensiva, coronariopatias, valvopatias, cardiologia metabólica, ambulatório; disciplinas, como gastroenterologia, pneumologia, propedêutica, reumatologia; e finalmente enfermagem). É um pequenino exército, aguerrido, imbuído daquela "mística" da clínica. Mística tanto mais necessária quanto mais se apurem e automatizem os métodos.

Escrevendo muitas vezes sobre desenvolvimento científico, e obrigado a ficar em aspectos gerais, nem sempre há tempo para focalizar uma instituição, um departamento. E os poucos que as circunstâncias podem levar-nos a referir talvez fiquem, aos

olhos de alguns, como injustas exceções abertas numa larga messe. Que nos perdoem pelos lapsos ou pelas omissões conscientes mais de uma vez cometidas.

Falando na Faculdade de Medicina, vejo à lembrança a figura de Carini, que ali também ensinou e depois se tornou diretor de um laboratório particular que se destacou, em nosso meio, porque jamais deixou de contribuir com pesquisas originais, o Instituto Paulista de Medicina. Carini puxaria novamente outros exemplos de distintos médicos que jamais deixaram de ser pesquisadores, mesmo quando dedicados a atividade industrial. Mas é tempo de parar, e outra oportunidade há de surgir.

Para terminar, desejamos salientar a necessidade de cultivarmos com a maior atenção a história de nossa ciência. Gostaríamos de ver muitos trabalhos em que se conte a vida de cada instituição e também suas origens. Para que possamos traçar a filiação das idéias, das técnicas, das escolas, e assim evitar que os que agora chegam, entusiasmados com as reformas que trazem na fronde que encontram algo a cortar pela raiz, a fim de começar de novo, como se a história fosse um mero e caprichoso recomeçar.

Ao impressionante relatório do prof. Decourt só ficou faltando esse detalhe, que ele algum dia suprirá: de onde veio o filete que sob sua inspiração, se fez caudal? Que idéias dominantes agiram sobre ele, contribuíram para sua filosofia de ensino e clínica? Ele dirá que não gostaria falar de si mesmo. Mas é preciso que nós outros saibamos. O exemplo dos homens que tornam o tempo sempre curto é das melhores lições que podemos aprender.



Hospital das Clínicas, que forma, com a Faculdade de Medicina, um impressionante centro de pesquisa básica e clínica do Brasil.



MAYRINK, José Maria. USP, 50 anos de glória e crise. O Estado de São Paulo, São Paulo, 09 ago., 1984.

A Universidade de São Paulo, que há 50 anos nasceu do esforço de um grupo de idealistas liberais que sonharam e conseguiram fazer dela um grande centro de ciência, cultura e tecnologia, está esquecendo as festas de seu aniversário para discutir os seus problemas, em busca de solução para uma crise que ameaça levá-la ao caos.

Decadência? Os sinais são evidentes em muitas áreas, mas a maioria dos professores prefere fugir da palavra e falar apenas em transformação, um eufemismo que, afinal de contas, denuncia as mesmas consequências: queda do nível de ensino, falta de condições para o estudo e a pesquisa, desestímulo entre os estudantes, greves sucessivas, uma crescente mobilização de docentes e funcionários na briga por melhores salários e, — explicação e causa de tudo isso, — escassez de recursos.

A crise e a decadência concentram-se principalmente nas instalações da Cidade Universitária "Armando de Salles Oliveira" — com suas construções inacabadas, sua insegurança, suas instalações mal-equipadas, suas bibliotecas precárias —, mas se refletem também nas unidades que se mantêm fora do campus, até na Medicina e na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, as duas mais "protegidas". Reclamações existem também lá, mas a situação é menos grave nas cidades do Interior, onde se trabalha com mais tranquilidade e bastante eficiência.

"A crise não é só da USP nem se limita às universidades estaduais de São Paulo,

porque a queda do nível é uma consequência da democratização do ensino e acontece em todo o País", observa a professora Maria de Lourdes Mariotto Aidar, do Conselho Estadual de Educação. É uma observação com que a maioria dos especialistas concorda: é evidente que a massificação compromete a qualidade, e seus efeitos já se refletem nos cursos de 1º e 2º graus, antes de chegar às escolas superiores.

A decadência e a crise do ensino universitário, a começar pela USP, são o tema desta série de reportagens de O Estado de S. Paulo sobre as universidades paulistas. A discussão abrange as outras duas instituições oficiais — Universidade Estadual de Campinas e Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho — para se estender, em seguida, aos institutos isolados de pesquisa e às outras universidades e faculdades que funcionam em São Paulo, oficiais e particulares.

Não será apenas um levantamento de falhas e vícios a denunciar: o jornal apresentará também sugestões e idéias de especialistas que sejam capazes de levar a uma solução, numa hora de dificuldades econômicas que multiplicam os problemas e, por isso mesmo, exige maior esforço e mais criatividade. As opiniões são, compreensivelmente divergentes, mas num ponto pelo menos há unanimidade: todos discutem a crise universitária neste momento e concordam que, se o ensino e a pesquisa estão ameaçados, é preciso mudar a estrutura para salvá-los.

MAYRINK, José Maria. USP, 50 anos de glória e crise. O Estado de São Paulo, São Paulo, 09 ago, 1984.





# MAYRINK, José Maria. O mapa das escolas de São Paulo. O Estado de São Paulo, São Paulo, 09 ago., 1984.

**O mapa das escolas de São Paulo**

A grande maioria das 33 unidades da Universidade de São Paulo, criada em 1934 por Armando de Salles Oliveira, encontra-se na Capital, quase todas reunidas na Cidade Universitária, junto ao bairro do Butantã, com uma população flutuante de 60 mil pessoas. Apenas quatro faculdades — Direito, Enfermagem, Medicina e Saúde Pública — resistiram à mudança e conti-

nuam em seus antigos endereços, no centro da cidade e no bairro de Pinheiros.

É na Cidade Universitária, uma obra ainda inacabada, sempre à espera de mais recursos, que funcionam a reitoria e todos os órgãos colegiados, responsáveis pela administração de todas as escolas e institutos, em São Paulo e no Interior. Além do campus da Capital, a USP tem unidades em mais cinco cidades: Odontologia em Bauri; Agricultura em Piracicaba; Medicina em Ribeirão Preto e Engenharia em São Carlos, além de uma extensão da Medicina Veterinária e Zootecnia em Pirassununga.

Seu orçamento deverá chegar, este ano, a aproximadamente Cr\$ 200 bi-

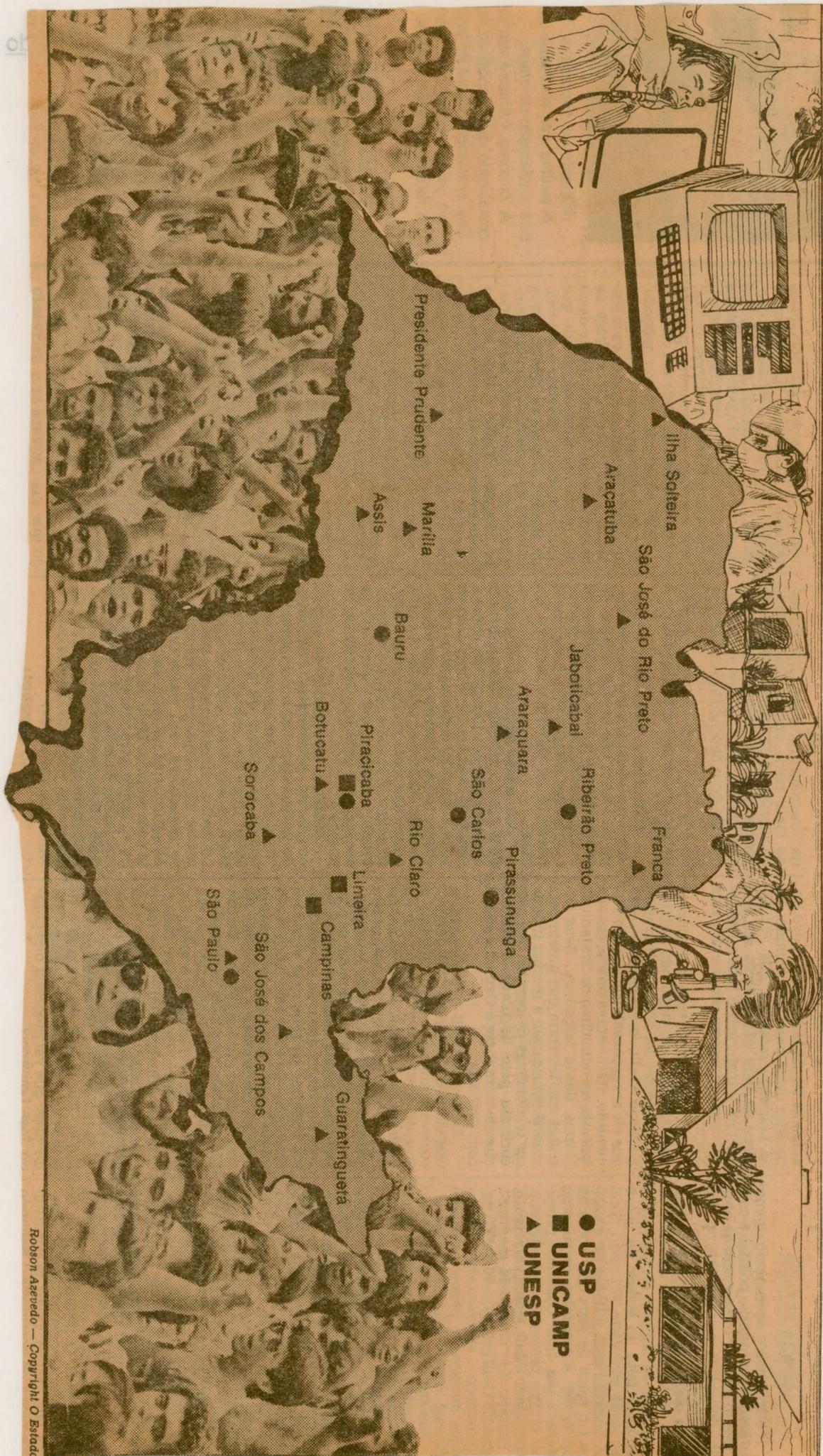
lhões, 93% dos quais para pagamento de pessoal: 9.900 funcionários (sendo 5.905 autárquicos) e 4.798 professores. Os alunos matriculados somam 31.814 nos cursos de graduação e nos de pós-graduação, mas este total é, na realidade, um pouco menor porque pelo menos três mil estudantes têm duas, três e até quatro matrículas superpostas. Eles frequentam 144 cursos de graduação e 357 de pós-graduação (sendo 204 de mestrado e 153 de doutorado) nos 33 institutos, escolas ou departamentos, que se dividem em 183 departamentos.

A USP tem quatro museus importantes (Paulista ou do Ipiranga; de Arte Contemporânea; de Arqueologia e Etnologia; de Zoologia), além de sete museus menores. Suas unidades dis-

põem de 77 bibliotecas e de uma editora universitária, que já lançou mais de 1.800 títulos. A Coordenadoria de Atividades Culturais tem uma rádio em FM, uma orquestra sinfônica, um coral, um teatro e um jornal mensal. Na Cidade Universitária, funciona um centro esportivo com pistas de atletismo, rãta de remo olímpico, quadras, velódromo e um estádio para 36 mil pessoas. O Instituto Oceanográfico da USP tem um navio de pesquisas, que participou da primeira expedição brasileira à Antártida.

As outras duas universidades de São Paulo — a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) — foram criadas para atender as cidades do Interior,

onde se encontra a maioria de suas unidades: a Unicamp tem 26 cursos em Campinas, Limeira e Piracicaba, com 12 mil alunos de graduação e pós-graduação. A Unesp — cuja reitoria se instalou na praça da Sé — mantém duas escolas na Capital, mas todas as outras se espalham por 14 cidades de todas as regiões do Estado: Araçatuba, Araraquara, Assis, Botucatu, Franca, Guaratinguetá, Ilha Solteira, Jaboticabal, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro, São José dos Campos, São José do Rio Preto e Sorocaba. São mais de 15 mil estudantes e 2.233 professores, em 26 cursos de graduação e 20 de pós-graduação. A Unicamp e a Unesp juntas custarão mais Cr\$ 200 bilhões ao orçamento estadual de 1984. Mas o dinheiro ainda é pouco.



Robson Azevedo — Copyright O Estado



MAYRINK, José Maria. Os números da grandeza comprometem. O Estado de São Paulo, São Paulo, 09 ago., 1984.

# Os números da grandeza comprometem

O professor Ernest Hamburger, presidente da Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo (Adusp), também não gosta da palavra decadência, mas admite que a universidade "não está atravessando um instante de euforia e glória". Ele tem várias provas disso e uma delas é o exemplo que se vê no Instituto de Física, onde trabalha:

"Existe uma evasão muito grande. Temos 260 vagas, mas apenas uns cem alunos matriculados, menos da metade, terminam o primeiro ano. Por quê? O sistema de acesso é certamente deficiente. A USP nunca foi uma maravilha, mas já teve figuras de grande influência cultural e política, como Marcelo Dami e Mário Schemberg, aqui da Física, que estão comemorando 70 anos de idade. Talvez não haja outros iguais, mas isso não é decadência, porque vão surgir: afinal de contas, temos 1.200 alunos, laboratórios modernos e uns 200 professores pesquisando. O corpo docente como um todo é bem qualificado, o que falta é coordenação entre as várias disciplinas, uma falha institucional. A reforma universitária já fez 15 anos, mas não foi implantada. A USP não tem uma política científica e os professores que querem fazer pesquisas não têm acesso ao regime de tempo integral".

A universidade pode não resolver, mas tem consciência da maioria desses problemas. A evasão, por exemplo, vem sendo estudada nos últimos anos, segundo o vice-reitor Antônio Guimarães Ferri, que tem um levantamento mais completo da situação:

"É um número bastante alarmante, pois cerca de 1.500 estudantes, em média, abandonam os seus cursos em cada semestre. Por enquanto, só conhecemos os números, porque ainda não existem conclusões que possam levar às causas da evasão. Creio que os problemas financeiros tenham um lugar de destaque entre as causas, e é possível também que muitos estudantes não consigam acompanhar os cursos".

Uma das explicações é que, em muitos casos, a carreira escolhida no vestibular não corresponde à expecta-

tativa do aluno, que acaba abandonando a USP. Em compensação, outros se matriculam ao mesmo tempo em vários cursos. O professor Ferri disse que um levantamento da Câmara de Graduação descobriu 3.200 matrículas simultâneas, às vezes em três ou quatro cursos ao mesmo tempo:

"Quando os horários coincidem, obrigamos o aluno a cancelar uma das matrículas, mas se não há coincidência nada podemos fazer. É uma anomalia e uma injustiça, pois esse aluno está ocupando um lugar — ainda mais numa universidade gratuita — que poderia ser de outro".

Mas há cursos que não interessam e não atraem alunos, principalmente na área de Letras. Sobraram 512 vagas nos vestibulares de 1980, mas, à medida que se foi modificando o critério de opção, os números foram caindo: 242 no ano seguinte e 245 em 1982.

**"A burocracia descomunal não deixa a USP crescer sem prejuízo do ensino. Virá o caos, se não houver mudanças"**

"No ano passado — informa o professor Ferri — sobraram apenas 150 vagas. É compreensível que alguns cursos não tenham candidatos... quem vai estudar Armênio, Sânscrito, Árabe, Grego, Latim e Chinês? Mas, inexplicavelmente, o curso de Química também não foi preenchido em Ribeirão Preto e São Carlos."

A USP oferece um total de 6.408 vagas, número que não aumentou muito com relação aos anos passados: eram 6.268 em 1976 e já chegavam a 5.703 em 1970. O total de candidatos caiu de 82 para 83 (foram 110.655 em 82 e apenas 104.226 no ano seguinte), mas voltou a crescer no ano passado. O professor Ferri observa que a queda foi nas áreas de Ciências Exatas e Ciências Biológicas — reflexo da expectativa do mer-

cado de trabalho que ainda precisa ser bem analisado. Um exemplo concreto é o curso de Engenharia Civil, que não consegue preencher suas vagas na Politécnica, enquanto não há lugar em outros cursos, como o de Eletrônica.

Seria temerário falar em decadência nos cursos de pós-graduação, se fosse considerado apenas o número de teses defendidas entre 1972 e 1984: elas foram 2.210 em nível de doutorado e 6.361 no de mestrado. Seria preciso avaliar a qualidade desses trabalhos, mas isso é praticamente impossível. A USP exhibe os números e parte do princípio de que, tendo sido aprovados por bancas competentes, presumivelmente são bons. Incompletos também são os levantamentos sobre os trabalhos de pesquisas publicados.

"A USP é responsável por um terço da produção científica nacional e por 60% do acervo bibliográfico", costuma repetir o reitor Antônio Hélio Guerra Vieira, que reconhece a existência de uma crise, mas ainda não identifica seus reflexos na vida acadêmica:

"O impacto das dificuldades que o País vive ainda não se fez sentir, a não ser no aviltamento do salário dos professores. Mas é evidente que uma política inadequada de salários não tem nenhuma implicação na qualidade do ensino e da pesquisa: o professor trabalha ou não trabalha. Se trabalha, trabalha bem. Faço, no entanto, um alerta: como as crises econômicas levam tempo para prejudicar a produção da universidade, também a recuperação será lenta".

O que mais assusta o reitor é a "burocracia descomunal" que pode levar ao caos. O remédio, em sua opinião, é a descentralização, que ele admite discutir, para dar mais autonomia sobretudo às unidades do Interior, "que teriam status de universidade, sob a égide de uma instituição-mãe, que é a Grande USP". O reitor não reconhece decadência, mas admite os riscos:

"Como está, a USP não pode crescer mantendo seus padrões de qualidade no ensino e na pesquisa. Seria o caos".

MAYRINK, José Maria. Os números da grandeza comprometem.  
O Estado de São Paulo, São Paulo, 09 ago, 1984.



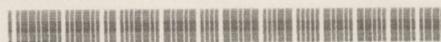
As arcadas do largo de São Francisco e os prédios centrais da Cidade Universitária

Fotos Antônio Lúcio e Oswaldo L. Palermo

# Decadência? Todos lembram o passado

MAYRINK, José Maria. Decadência? Todos lembram o passado.  
O Estado de São Paulo, São Paulo, 09 ago., 1984.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE033404

O estudante Celso Fonseca, que aos 26 anos está fazendo Filosofia na USP, depois de desistir da Engenharia em Ouro Preto ("uma questão de expectativa frustrada"), dá um exemplo prático de seu curso, quando vai falar sobre a decadência na universidade: os alunos que passam pelo vestibular "precisam aprender a ler e a escrever outra vez", porque a bagagem que trazem do colégio não lhes permite entender os textos nem expressar-se. Celso é um dos 14 diretores do Diretório Central dos Estudantes e acha essencial, nesta hora do cinquentenário, discutir a qualidade do ensino, a começar pelo papel da própria universidade:

"O que é a universidade, a quem serve, por que existe tanta evasão, qual é a razão para o desestímulo que desanima professores e alunos, o que é uma aula? Essas questões preocupam os estudantes e nós vamos reunir um congresso neste segundo semestre para discuti-las. Quem não estiver interessado nos problemas da universidade não agüentará dez minutos".

O professor Roque Spencer Maciel de Barros, que em seus 33 anos de USP já conheceu tempos melhores (ele é o chefe do Departamento de Filosofia e Ciência da Educação), tem observado o comportamento e o desempenho dos alunos — e suas observações podem responder, ao menos em parte, à inquietação de Celso Fonseca e de seus colegas:

"O problema é que cada vez se exige menos do estudante e cada vez ele trabalha menos. Se o professor apertado, é então que mais reclama. Não sabe ir atrás dos livros, está

sempre à espera do xerox, de preferência em português".

Naturalmente, Roque Spencer não culpa apenas o aluno, que escreve mal e não domina a língua ("e, portanto, não pode pensar direito e é incapaz de entender o livro"), porque é a universidade que deve cobrar dele o necessário preparo, através do vestibular:

"Preparar o estudante é função do curso de segundo grau, mas é a universidade que está desempenhando esse papel. Aquilo que antes se ensinava nos cursos de graduação, uns 20 anos atrás, vai sendo jogado agora para a pós-graduação. É claro que o curso sai prejudicado: se o professor não baixa o nível, o aluno não acompanha".

Na Faculdade de Economia e Administração, o professor Adalberto Fischmann concorda que a decadência é uma realidade e fala exatamente de 20 anos atrás: na década de 60, lembra ele, era melhor a qualidade e maior o interesse dos alunos:

"Meu conhecimento se limita à área da Administração, mas o prazo é suficiente para sentir e medir a experiência. Meu receio é que esta tendência esteja avançando. Os estudantes e os professores estão abaixo do nível daquela época, pois havia mais interesse, mais preparo e mais rendimento. E nesse quadro pouco animador existe ainda uma força contrária, que é a impossibilidade de reter os professores melhores. Eles ganham mal, não têm apoio para atividades científicas e não vivem um clima ideal para pesquisa e investigação."